

A educação pela aventura: desmistificando sensações e emoções

Aercio Rossi Cardoso
Andreia Silva
Gisele Rosa Felipe

Escola Superior São Francisco de Assis - Santa Teresa ES

Resumo: Atualmente, verifica-se uma crescente valorização do turismo na natureza, e da prática das Atividades Físicas de Aventura na Natureza – AFAN, por pessoas à procura de melhor qualidade de vida e pelo fortalecimento de uma ética ambiental. Diante disso, buscamos analisar e refletir sobre as sensações, emoções e possibilidades educativas das AFAN dos praticantes de excursionismo da ESFA (Escola Superior São Francisco de Assis). A pesquisa caracterizou-se como qualitativa e o instrumento de verificação utilizado foi a entrevista e a observação participante. A amostra foi composta por 10 praticantes do grupo de excursionismo da ESFA. Os dados permitiram-nos concluir que as AFAN propiciam a seus praticantes a vivência de sensações e emoções que auxiliam na formação do cidadão integral e ativo da sociedade, através das possibilidades educativas inseridas em seu contexto.

Palavras-chave: Educação Física. AFAN. Sensações.

The education for adventure: decode sensation and emotion

Abstract: Currently, an increasing valuation of the tourism in the nature, and of the practical one of the Physical Activities of Adventure in Nature - AFAN is verified, for people to the search of better quality of life and for the fortalecimento of ambient ethics. Ahead of this, we search to analyze and to reflect on the sensations, emotions and educative possibilities of the AFAN of the practitioners of hiking of the ESFA (Superior School San Francisco de Assis). The research was characterized as qualitative and the used instrument of verification was the interview and the participant comment. The sample was composed for 10 practitioners of the group of hiking of the ESFA. The data had allowed to conclude them that the AFAN propitiate its practitioners the experience of sensations and emotions that assist in the formation of the integral and active citizen of the society, through the inserted educative possibilities in its context.

Key Words: Physical Education. AFAN. Sensations.

Introdução

Atualmente, verifica-se uma crescente valorização do turismo na natureza, por pessoas à procura de melhor qualidade de vida e pelo fortalecimento de uma ética ambiental¹ (KINKER, 2002).

A popularidade do turismo na natureza evidencia-se, pelo crescente número de estudos, revistas sobre o assunto, agências especializadas em vender viagens a locais preservados e reportagens televisivas (KINKER, 2002). Devido a essa produção, crescem igualmente as discordâncias quanto a conceitos e denominações de turismo na natureza, turismo de aventura, ecoturismo ou turismo ecológico. Dentre

os autores que se debruçam sobre essa temática destacamos Kinker (2002) e Fennel (2002), para os quais o turismo na natureza é entendido como aquele que faz uso de recursos naturais relativamente bem preservados, como por exemplo, paisagens, águas, vegetação e vida silvestre. Fazem parte desse segmento o turismo de pesca, os safáris de caça, os safáris fotográficos, o ecoturismo, o turismo de aventura, etc.

O ecoturismo é um tipo de turismo na natureza que abrange em sua conceituação a experiência educacional interpretativa, a valorização das culturas tradicionais locais, a promoção da conservação da natureza e do desenvolvimento sustentável (KINKER, 2002).

O turismo de aventura define-se, segundo Fennel (2002), como uma atividade de lazer ao ar livre que ocorre em um local de destino não usual, exótico, remoto ou de vida selvagem; envolve algum meio de transporte não convencional, e tende a ser associado a níveis baixos ou elevados de atividades.

¹ Ética Ambiental é aqui entendida, conforme contribuições de Hidejal N. Santos Jr., engenheiro de Meio Ambiente da HTO Consultoria Produtos e Serviços Ltda (<http://www.saude.inf.br/etica.htm>), como uma nova relação de consciência entre o homem e a natureza: o ser humano faz parte da natureza e não é o seu dono, não a tem para servi-lo, mas para que ele sobreviva em harmonia com os demais seres. Nesta nova concepção o homem passa a se preocupar com suas ações e como consequência passa a praticar ações coerentes com a natureza.

As atividades realizadas nestas viagens à natureza também recebem inúmeras nomenclaturas, tais como: atividades ao ar livre, atividades de lazer na natureza, esportes ao ar livre, esportes radicais, esportes alternativos, entre outros. Para o desenvolvimento do trabalho, optamos pela utilização da terminologia do espanhol Javier Oliveira Betrán (2003), por melhor abranger e definir o significado das mesmas: Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN).

As visitas na natureza, que expressam pelas manifestações do corpo (através das AFAN), possuem influências que permeiam desde a questão ambiental, até questões pessoais, como a fuga da rotina e descanso. De acordo com a atitude² do indivíduo, estas visitas podem ter um caráter de gratuidade – *fazer em si*, sem objetivos concretos – ou utilitário – *fazer para*, com alguma finalidade, mesmo que preservacionista. As experiências íntimas do corpo com a natureza, representam uma forma de comunicação, um diálogo entre o homem e o mundo natural. Diálogo este, crítico ou não, dependendo da relação do homem com sua corporeidade³ expressa no movimento humano, os quais sofrem influências diretas de sua cultura e valores (BRUHNS, 1997 b).

Buscando um melhor entendimento sobre essas experiências, devemos atentar primeiramente, que o homem é um ser bio-psico-social, equipado para registrar uma grande variedade de estímulos. Porém, a cultura e o ambiente estimulam-nos a enfatizar alguns sentidos (como a visão) em detrimento dos outros (como o olfato e o tato). É comum a assimilação que se faz da natureza à paisagem, o que impede, nas visitas à natureza, um maior aproveitamento das sensações que esta pode proporcionar ao homem (SERRANO, 1997).

Assim poderíamos afirmar que as AFAN podem propiciar uma riqueza de estímulos que facilita um maior desenvolvimento dos mecanismos perceptivos, de decisão e execução, através da exploração desta percepção, que se torna mais aguçada no contato do homem com a natureza, despertando o que poderíamos chamar de espírito aventureiro.

Essas várias AFAN, porém, muitas vezes são praticadas de forma irrefletida, não sendo discutidas, e refugiando-se sob a adjetivação do ecológico, ou seja, a prática por si só torna-se insuficiente, pois não está comprometida com nenhum vínculo educativo e nem se preocupa em valorizar e difundir

² No entendimento de Barros & Dines (2000), atitude é uma disposição para um certo comportamento, em função das circunstâncias, de maneira que prevê nossa vontade de agir a favor ou contra determinados assuntos.

³ Corporeidade, de acordo com Maria Augusta Salim Gonçalves (1997), é a forma do homem ser-no-mundo e ao mesmo tempo, vivenciar-se na intimidade do Eu.

a diversidade cultural e biológica da região (BRUHNS, 1998).

Em se tratando das possibilidades educativas da AFAN, nos amparamos em Milles (1990 apud UVINHA, 2004) o qual ressalta que as AFAN vêm sendo trabalhadas e utilizadas em diversos países, sob a denominação de educação pela aventura, a qual segundo o autor pode não contribuir diretamente para o determinismo do mercado de trabalho, mas contribui indiretamente para que as pessoas aprendam compromisso, sucesso, fracasso, dentre outras coisas.

As visitas na natureza e a prática de AFAN possibilitam, portanto, o desenvolvimento de processos educativos relacionadas também as questões ambientais, uma vez que, contribuem para uma mudança na visão do homem sobre o ambiente natural, fazendo com que este perceba a importância e o significado da natureza. (UVINHA, 2004).

O caráter educacional das AFAN pode ser explorado pela Educação Física como nova possibilidade pedagógica, uma vez que carrega em si um leque de oportunidades muito amplo, tanto na formação do indivíduo em si, como sua relação com o meio ambiente. No entanto, vários são os fatores que dificultam essa apropriação no dia a dia do planejamento escolar do professor de Educação Física, dentre elas: a falta de apoio da própria escola, o desconhecimento do educador físico quanto às possibilidades educacionais dessas visitas ou a formação acadêmica deficitária, dentre outros.

Podemos compreender, portanto, que várias são as possibilidades educacionais das visitas na natureza através das AFAN, da mesma forma que existem vários fatores limitantes para sua implementação de forma original e autêntica. Buscando compreender melhor as suas possibilidades educacionais, a fim de gerar novos argumentos em sua defesa para uma utilização comprometida com tais valores, tecemos como objetivo principal analisar e refletir sobre as sensações, emoções e possibilidades educativas das Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) do grupo de excursionismo da ESFA.

Entre os objetivos específicos, investigar as sensações e emoções vividas pelos praticantes de AFAN, tecer considerações sobre as possibilidades educativas das AFAN, verificar os motivos que permeiam a assiduidade dos indivíduos na prática de AFAN e desenvolver uma reflexão sobre o corpo e suas reais dimensões no contato com a natureza.

Este estudo justificou-se pelo nosso envolvimento com as AFAN, no decorrer da nossa vida acadêmica, em disciplinas da grade curricular, nos eventos realizados pela ESFA, na

participação no grupo de estudo do NUAR⁴ (Núcleo Universitário de Ar Livre) e nas viagens realizadas pelo núcleo. Ainda, pelo crescimento das AFAN em nossa sociedade atual, pelas possibilidades que as AFAN promovem em seus praticantes no que concerne ao desenvolvimento do homem integral, pela possibilidade das AFAN serem um campo de atuação da Educação Física, pois envolvem as relações do corpo em contato com a natureza, suas manifestações por meio dos sentimentos, das ações e dos movimentos (BRUHNS, 1997 a).

Metodologia

O processo metodológico deste estudo desenvolveu-se a partir das contribuições de Minayo (2002) e Gil (1991) no que se refere a adoção de técnicas e tipo de pesquisa. Tratou-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, por envolver questões relacionadas ao universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002).

Num primeiro momento, realizamos uma revisão bibliográfica sobre a temática, a fim de constituir um referencial teórico para as posteriores discussões, baseada em Bruhns (1997 ab), Marinho (2003), Kinker (2002), Fennel (2002), Uvinha (2004), Serrano (1997), Costa (2000), Mendonça e Neiman (2003).

A modalidade de pesquisa utilizada foi exploratória com procedimento de estudo de caso, por proporcionar um estudo profundo, amplo e detalhado de nossa temática. O estudo de caso é, ainda, o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo, como é o caso das AFAN (GIL, 1991).

A amostra constituiu-se dos praticantes das AFAN do grupo de excursionismo da ESFA, com experiência mínima de 02 anos nestas atividades. No total, foram 10 indivíduos, sendo 06 do sexo masculino e 04 de sexo feminino, com idade variada entre 20 e 40 anos. 08 dos entrevistados cursam o Ensino Superior: 03 o curso de Educação Física e 05 o curso de Ciências Biológicas. 01 é graduado e professor de Educação Física e 01 é mestre em Biologia, e professor da área.

A coleta de dados foi realizada, por meio de entrevistas semi-estruturadas, no período de 15 a 20 de agosto de 2005.

⁴ O NUAR reúne especialistas e apaixonados pelos esportes de aventura, colocando o Espírito Santo na rota dos pólos brasileiros de atividades de aventura. Entre as atividades desenvolvidas estão o desenvolvimento de grupos de pesquisa e organização de cursos abertos à comunidade em geral. Como forma de divulgar os esportes de ar livre, o NUAR também participa de

Os materiais utilizados foram câmera filmadora, fitas VHS e fichas com tópicos de questões relevantes. Em seguida, as entrevistas foram transcritas na íntegra.

A análise de dados utilizada foi a Análise de Conteúdo – Modalidade Temática. Proposta por Trivinos (1987), esta modalidade de análise e tratamento de dados qualitativos busca a compreensão de sentido que se dá na comunicação, e para tanto leva em extrema consideração o contexto histórico social no qual o indivíduo e os fenômenos estudados se inserem, buscando uma junção interpretativa entre as ciências sociais e a filosofia como forma de aprofundamento e entendimento das forças que movem o homem em suas relações com o meio. Posteriormente, fizemos uma articulação dos dados obtidos com o referencial bibliográfico do trabalho.

Discussão teórica

Visando possibilitar uma maior reflexão sobre o tema abordado neste estudo, iniciaremos uma discussão teórica com os autores que tratam desse assunto. Buscamos assim, através da literatura disponível, levantar questões e informações a fim de culminar análises mais aprofundadas no que remete a nossa temática. Essa discussão foi organizada na forma de tópicos que discutem assuntos como o lazer e o turismo na natureza, as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) e a relação destas com a Educação Física.

Lazer e Turismo na Natureza

O lazer, aqui entendido⁵ como campo de experiências humanas privilegiadas junto aos processos de constituição de subjetividades, oferece uma rica possibilidade de exercitar e intensificar uma relação renovada consigo mesmo, com a cultura e com a alteridade, aí incluídos os outros seres humanos e os demais seres e elementos do planeta. Atualmente, vem se constituindo em um espaço de realizações humanas aos quais firmam-se em diversos aspectos, quer seja por seu caráter lúdico, educacional ou mercadológico. Atualmente há uma multiplicidade de lazeres esportivos de risco, que varia desde as práticas corporais em espaços rigorosamente controlados, até os que se realizam em ambiente selvagem, na natureza. Isso parece dizer que uma pessoa escolhe seus lazeres orientados pelos gostos, aptidão e competência para a ação, uma vez que o lazer é um espaço deliberado de opção e realização pessoal, mas influenciado pelo mundo simbólico da cultura, da sociedade em que se vive. Optar por uma atividade de lazer de risco em ambiente

eventos com uma estrutura artificial de escalada, que sempre é uma das principais atrações dos eventos em que é instalada.

⁵ Segundo as contribuições de Villaverde (2003).

selvagem, na natureza, nos remete a preferências singulares como o imprevisto em ação, a ousadia, o desconforto, a atenção constante, o desfrute das surpresas, mas tudo isso com forte carga significativa (COSTA, 2000).

A prática corporal na natureza foi uma ferramenta de grande importância para analisar este corpo que se movimenta. Esse corpo que busca expressões busca seu espaço de forma lúdica. É uma das maneiras mais expressivas e lúdicas do corpo se apresentar, é através das atividades de lazer. O lazer é uma prática na qual o corpo o sente estar vivendo de forma plena, na sua maneira mais espontânea, mais libertadora de seu ser. O lazer na natureza precisa de olhares sensíveis no tocante à preservação e aos sentimentos do corpo (SENA & BEZERRA, 2004).

Este lazer na natureza ocorre a partir das visitas à ambientes naturais, através do turismo na natureza, movido pelo desejo contemporâneo de “retorno à natureza”. A busca pela natureza pode ser entendida através de uma retrospectiva história. No passado, os seres humanos viviam em contato íntimo com a natureza, o que, aparentemente, causavam-lhes bem-estar. Ao contrário do que se acreditava, a preservação da natureza começou a ser valorizada após o período de industrialização, quando a fauna e a flora foram praticamente dizimadas, e não em tempos remotos, onde a capacidade transformadora do homem sobre o ambiente era muito limitada (MARINHO, 2003).

O homem primitivo passava pouco tempo fixado em certa localidade, quer seja pelo esgotamento dos recursos naturais ou pela falta de vínculos afetivos com o local. Com o advento da agricultura o homem pôde se fixar a terra, formando com a mesma, vínculos de sustento e apreciação. A sistematização do deslocamento humano de um local para outro com o passar do tempo (turismo), tornou-se uma das atividades econômicas mais importantes da atualidade, sendo considerada uma ótima e, às vezes, única alternativa para o desenvolvimento local (KINKER, 2002). Além desse aspecto econômico, podemos ressaltar que a valorização do turismo na natureza deve-se a fundamentos de um novo entendimento do meio ambiente, quebra da rotina e a própria questão da preservação ambiental.

Durante as visitas na natureza, os indivíduos deparam-se com diversas oportunidades de praticar atividades que se apresentam como espaços de reintegração entre os seres humanos e a natureza (INÁCIO et. al., 2005 a): as Atividades Físicas de Aventura na Natureza.

Atividades Físicas de Aventura na Natureza

São diversas as denominações que as práticas de aventura na natureza recebem, dentre as quais optamos por adotar as AFAN (Atividades Físicas de Aventura na Natureza), terminologia utilizada pelo espanhol Javier Oliveira Betrán (2003), por melhor caracterizar as atividades no contexto no qual estamos inseridos. Entretanto, no decorrer deste estudo, vieram ao nosso encontro novas nomenclaturas, dentre elas, as Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PA's). Sua adoção é justificada por possibilitar um entendimento mais ampliado das múltiplas dimensões humanas, enquanto atividade física nos remete a uma compreensão restrita de humano, limitada a uma concepção biologicista (INÁCIO et. al, 2005 b). Entretanto, continuaremos a nos remeter a estas práticas como AFAN, por compreendê-las em seu aspecto global, e entender que as atividades físicas não se restringem apenas ao homem como um ser dotado de corpo físico, mas sim, como um ser biopsicossocial.

De acordo com os estudos realizados por Betrán (2003), essas atividades em meio natural iniciaram-se e propagaram-se em meados da década de 70⁶, especialmente nos países economicamente mais avançados. Constituíram-se como uma nova realidade lúdica no universo das práticas corporais, cujo enfoque é a vivência de aventura na natureza, emergindo como um conjunto de práticas recreativas, as quais vieram culminar na década atual ao sabor dos novos hábitos, gostos e valores da sociedade pós-industrial e pós-moderna.

No Brasil, estas atividades começaram a ganhar expressão a partir da década de 80, e categorizadas de acordo com o ambiente nas quais são praticadas (terrestres, aéreas e aquáticas). Os praticantes das AFAN lidam a todo instante com o risco, mesmo que controlado, com a vertigem, com o medo, evocando sentimentos de aventura e emoção. Para uma faceta da sociedade, mais tradicional, as experiências proporcionadas pelas AFAN são “coisas sem sentido”, muitas vezes por estarem associadas à nomenclatura “radical”. Para outra parte da sociedade, o produto “aventura” é cobiçado por uma demanda que, em certa parte, procura fugir de uma vida prefixada, assumindo riscos, tendo senso de iniciativa, flexibilidade e rapidez de adaptação. São características e valores que os praticantes procuram transferir para a vida cotidiana (UVINHA, 2004).

⁶ De acordo com alguns autores, o início das atividades de aventura na natureza deu-se antes da década de 70. Entretanto, a literatura sobre o assunto é bastante restrita. Para maiores informações, consultar www.scout.org - World Organization of the Scout Movement, www.escoteiros.org.br - União dos Escoteiros do Brasil, www.nols.edu - National Outdoors Leadership School, www.outwardbound.org - The Outward Bound, www.mountaineers.org - Northwest Outdoor Recreation Club, www.ceb.org.br - Centro de Excursionistas Brasileiro.

Motriz, Rio Claro, v.12, n.1, p.77-87, jan./abr. 2006

As AFAN apresentam-se como espaços de reintegração entre os seres humanos e a natureza. Entretanto, como acontece com a maioria das atividades criadas no âmbito das sociedades ocidentais modernas, acabam submetendo-se à lógica do mercado, e afastando-se da possibilidade de interesses voltados à cidadania e à emancipação humana e social (INÁCIO et. al., 2005 a). Desse modo, discutiremos no tópico seguinte as possibilidades da Educação Física em trabalhar as AFAN, voltadas para seus ideais originais, respeitando suas nuances educacionais, de lazer e, até mesmo, mercadológicas.

Análise e Discussão dos dados

Inicialmente, perguntamos aos nossos entrevistados, quais foram suas experiências com o grupo de excursionismo da ESFA, para situarmos-nos no contexto vivido por cada um dos respondentes, como clima, época, local e atividades propícias, das quais obtivemos as seguintes respostas: 01 entrevistado participou das quatro excursões realizadas pela ESFA (Itatiaia⁷, Ibitipoca⁸, Biriricas⁹ e Limo verde¹⁰); 01 foi para Itatiaia, Ibitipoca e Limo Verde; 04 foram apenas para Ibitipoca e 02 apenas para Limo Verde; 01 participou das excursões para Limo Verde e Ibitipoca, e mais 01 para Itatiaia e Ibitipoca.

Em seguida, inquiremos aos entrevistados de como foram estas experiências, deixando-os livres para relatar o que quisessem: os aspectos físicos da viagem, algum acontecimento específico ou as sensações vividas de uma forma geral, com o intuito de detectar, em apenas uma fala, o que foi relevante para cada um, diante de uma experiência tão vasta. Obtivemos como resposta unânime terem sido experiências muito boas, tanto pelo contato com a natureza, quanto pela aproximação do grupo.

⁷ A visitação ao Parque Nacional de Itatiaia ocorreu no período de 17 a 21 de Julho, contando com um grupo de 22 pessoas, dentre elas, acadêmicos do curso de Educação Física e Biologia da ESFA e, professores da mesma Instituição. No decorrer da excursão, o grupo passou, respectivamente, pela cidade de Itatiaia RJ, pela parte alta e baixa do parque e pela cidade de Penedo/RJ. Apesar do mau-tempo, visitaram cachoeiras e o Pico das Prateleiras.

⁸ A excursão para o Parque Estadual de IBITIPOCA/MG, realizou-se com cerca de 30 pessoas (discentes e docentes) dos cursos de Educação Física e Biologia (08 à 12/12/2004). A visitação contou com passeios monitorados pelos coordenadores do NUAr e NUMAMB aos principais locais do Parque, além da visitação a Conceição de Ibitipoca, povoado localizado a 4 km do Parque.

⁹ Na visita a Biriricas – Domingos Martins/ES, em específico ao Camping Rio da Montanha (11 à 12/12/2004), onde além do Acampamento e das trilhas, houve também a vivência em Rafting no rio Jucu. A excursão contou com cerca de 13 pessoas (discentes e docentes). Além de tais atividades ocorreu também a visitação a cidade de Domingos Martins.

¹⁰ A expedição para Limo Verde (Caparaó) no período de 21 a 24 de Abril de 2005, contou com 18 participantes, os quais ficaram alojados na Pousada Limo Verde onde fizeram vivência de rapel, conheceram trilhas da região dentre outras atividades.

Motriz, Rio Claro, v.12, n.1, p.77-87, jan./abr. 2006

Diante desta questão, pudemos constatar que as pessoas sentem dificuldades em relatar como foram suas experiências, por isso resumem-se a dizer que foi muito boa, legal e proveitosa, e em citar as atividades das quais participaram durante a viagem. Falar das atividades, descrever todo o percurso físico realizado, não é problema para os excursionistas e para os praticantes de AFAN, da ESFA e do mundo inteiro, como podemos observar nos relatos de montanhistas, mergulhadores e iatistas renomados a nível mundial¹¹. O difícil é expressar as vivências, no que diz respeito a sensações e emoções. Isso vem ao encontro do pensamento de MacFarlane (2003), de que descrever algo que não se assemelha a qualquer coisa que se vive diariamente é o problema enfrentado pelos adeptos de atividades de aventura, pois não há vocabulário que expresse tais experiências.

Buscamos analisar a importância do grupo nestas excursões, o qual esteve pautado nas interações de companheirismo e integração, valendo-nos das considerações de Mendonça e Neiman (2003), as quais afirmam que esta importância confiada ao grupo acontece porque, durante o contato com a natureza, os seres humanos tornam-se mais sensíveis e autoperceptíveis. A percepção de que todos nós, seres humanos, somos antes de tudo habitantes de um mesmo planeta, com uma única identidade terrena, é essencial para o processo de construção individual do que chamamos de cidadania. O convívio de um grupo visitando a natureza leva o indivíduo a pensar coletivamente e individualmente, mas sendo parte de um todo comum. Esta interação do grupo durante as visitas na natureza acabam por serem retomadas na volta ao cotidiano, onde o indivíduo percebe o valor da cooperação e do companheirismo, outrora vivido e tão bem aceito em meio natural.

Os entrevistados ressaltam o companheirismo como aspecto enriquecedor das relações construídas durante as excursões, através de falas respaldadas por Villaverde (2003), que enfatiza o poder das AFAN, praticadas durante visitas à natureza, de ampliar as relações entre os sujeitos, que de parceiros nas práticas tornam-se amigos na vida. São ações coletivas momentâneas, que favorecem o estabelecimento da superação de obstáculos e de medos, que resultam em uma interação derradeira e contínua, já que as AFAN são, na sua grande maioria, realizadas em grupos, sendo este um passo importante para perceber e valorizar o esforço e a

¹¹ C.F.: NICHOLS, Peter. *Uma viagem para loucos: a eletrizante história da primeira regata solo ao redor do mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. C.F.: CHOWDHURY, Bernie. *O último mergulho*. Rio de Janeiro: Record, 2001. C.F.: KRAKAUER, Jon. *No ar rarefeito*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

contribuição de todos na organização e fruição destas práticas. Assim, a ação coletiva na realização das AFAN também é uma forma de se pensar ações mais solidárias no cotidiano (INÁCIO et. al., 2005 b).

No questionamento seguinte, “qual é o tipo de sensação sentida na prática das AFAN”, nossa intenção foi instigar os entrevistados a olharem para dentro de si mesmos, buscando reviver as sensações sentidas e aguçando a procura por explicações de sentimentos tão indefinidos. As respostas obtidas vieram ratificar a dificuldade dos praticantes em expressar as sensações e emoções presentes nestas atividades. Citam-se o “prazer”, “uma sensação boa, de liberdade”, a “adrenalina”, a “superação”. Mas explicar em que se baseia este prazer, ou o que seria esta sensação de bem-estar não é possível, ao menos verbalmente, para os entrevistados.

Retomando as discussões inicialmente realizadas no primeiro questionamento, podemos inferir que o respondente fala de uma sensação que sente e que sabe que vai sentir, mas não consegue descrevê-la. Buscando novamente, analisar essa dificuldade, trazemos Costa (2000) a qual em seus estudos sobre praticantes de montanhismo detectou que nessas práticas o grupo passa a lidar com a profundidade, com a vertigem, com a altura, com a variação das condições ambientais, o que exige uma produção de pensamento complexo por parte do praticante, nos aspectos sensorial, afetivo, técnico e espiritual mas que, ao ser canalizado para a fala, torna-se restrito, ou seja, o indivíduo não consegue expressá-lo. A face expressa uma sensação de agonia, por saber o que foi vivido (e muitas vezes reviver certas sensações), mas de não encontrar palavras para descrevê-las. Estas são, em geral, incomunicáveis àqueles que não as vivenciaram. Tais considerações podem ser igualmente levadas em consideração quando analisamos os praticantes da AFAN da ESFA, que gesticulam, esboçam algumas falas durante as entrevistas, mas acabam por vencidos pela falta de arranjo verbal.

Um dos entrevistados pauta a questão da diversidade de sensações, emoções e visões durante as visitas à natureza. Por trabalhar com Educação Ambiental (trilha interpretativa) em um local fixo, percorre uma mesma trilha várias vezes por mês, mas garante que o ambiente proporciona uma visão diferenciada a cada percurso, se o indivíduo estiver disposto a perceber a re-significação permitida pela natureza. A visão de nosso entrevistado pode ser referenciada em Mendonça & Neiman (2003), quando esta diz que, quem já teve a oportunidade de caminhar por uma mesma trilha diversas vezes, percebe que, a cada vez, há coisas diferentes a serem vistas e pensadas. A situação nunca se repete, levando o

indivíduo a refletir sobre a constante transformação de tudo, e a tomar consciência de si mesmo. Entretanto, esta conscientização de si mesmo e em relação ao ambiente não é regra que cabe a todos, mas algo que depende da sua atitude, influenciada pela formação do indivíduo, do ambiente em que se situa e importância que reserva ao meio natural. Desse modo, a mudança de atitude só ocorrerá a partir da criação de vínculos entre ser humano e natureza (BARROS & DINES, 2000).

Ao serem questionados sobre “o que buscam ao praticar estas atividades”, as respostas inter-relacionam-se com as da questão anterior, já que a busca é pelas sensações e emoções citadas anteriormente. Na realidade, este questionamento veio com o objetivo de arredondar e ratificar os anteriores: se as experiências forma boas, certamente as pessoas encontraram o que procuravam, coincidindo as respostas. Três dos entrevistados dizem buscar o conhecimento e, um deles, conhecer para tirar proveito disso, ou seja, trabalhar no ambiente que lhe faz bem. Entre as respostas, encontramos ainda a “busca por estas vivências” e “busca pelo lazer”, o que nos leva a refletir o significado desta palavra, no que diz respeito à “fazer por fazer”, para sentir-se bem. Estas respostas refletem a idéia de Bruhns (1997 b) sobre as visitas, quando as classifica como ‘gratuita’ ou ‘utilitária’. Alguns excursionistas visitam a natureza com algum intuito, quer seja ele o de obter conhecimento, parceria de trabalho ou descanso. Os praticantes do utilitarismo contemplam a maioria dos visitantes que, geralmente, nem se dão conta de que fazem parte deste grupo. Apenas uma pequena parte dos visitantes da natureza realizam a visita gratuita, onde a realização prazerosa dá-se a partir de algo que tem valor em si e não para outro fim. Maurice Herzog (2001, p.17), alpinista que participou da expedição ao Annapurna, diz em seu livro¹² que “esse relato é mais do que uma história de aventura. É um testemunho. Aquilo que não tem sentido, às vezes tem uma significação. Essa é a única justificativa de um ato gratuito”.

Ao dizer que buscam ‘fuga da rotina’, ‘paz interior’, ‘encontro com meu eu’, os entrevistados realizam a gratuidade na natureza, caracterizada simplesmente pelo prazer proporcionado pelo meio natural, e não com fins educacionais ou lucrativos. Sobre a busca abstrata por estas sensações, Sena e Bezerra (2004) pontuam que estar na natureza significa um reencontro em direção a si mesmo, ao seu interior, permeados por momentos de prazer, liberdade, integração e vida, por pessoas que fogem do insensível

¹² *Annapurna: o primeiro cume de mais de 8 mil metros conquistado pelo homem / Maurice Herzog; tradução Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.*

Motriz, Rio Claro, v.12, n.1, p.77-87, jan./abr. 2006

mundo das relações urbanas, não só pelos diferentes espaços e formas, mas pelas sensações que cada um transmite.

Quando o convívio com a natureza ocorre desde muito cedo é perceptível o tom de familiaridade na fala dos entrevistados que convivem com a natureza desde a infância, e a preocupação em mantê-la preservada, não apenas para usufruto próprio, mas por senti-la como parte de si mesmo. Isto pode ser pautado na explicação de Libâneo (2005), quando este apresenta a corrente interacionista, na qual o ser humano se desenvolve tanto biológica como psiquicamente na interação com o ambiente, implicando a interação entre o sujeito e o meio. Sendo este ‘meio’ o ‘meio natural’, o convívio desde a infância favorece a interação entre o indivíduo e a natureza.

Em seguida, o argumento baseava-se na existência ou não de um caráter educativo das AFAN, que recebeu como resposta unânime “sim”. Diante do sim, instigamos os entrevistados a identificarem este caráter educativo, onde 06 citaram apenas as oportunidades de se trabalhar a preservação ambiental. 02, além desta educação ambiental, colocaram ainda a importância e possibilidades das mesmas como atividade física e conhecimento do próprio corpo. A respondente resume nessa fala a possibilidade da Educação Física trabalhar apenas o corpo físico nestas atividades. Entretanto, concordamos com Mendonça e Neiman (2003), quando dizem que a Educação Física, ao conceber que o ser humano é constituído, além de esqueleto, músculos e sistema vascular, se sentidos e sentimentos, poderá trabalhar e estimular, nas visitas à natureza, a autoconfiança no próprio corpo, desenvolver a capacidade de manifestar afeto ao outro, através do toque, do abraço ou da simples preocupação com o que lhe possa acontecer durante as atividades.

Esta aprendizagem por intermédio do lúdico pode ser mais marcante, por ser social e natural, do que as tradicionais tentativas sisudas de transmitir conhecimento (MENDONÇA & NEIMAN, 2003). Podemos encontrar nas AFAN as possibilidades de manifestação dos três tipos de práticas educativas identificadas por Libâneo (2005): a educação informal, não-formal e formal¹³ ou, como acontece

¹³ **Educação informal** – ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com o ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, mas não-intencionais e não-organizadas.

Educação não-formal – realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação.

Educação formal – compreende instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática (LIBÂNEO, 2005).

Motriz, Rio Claro, v.12, n.1, p.77-87, jan./abr. 2006

constantemente, a interpenetração destas três modalidades. A partir destas contribuições¹⁴, podemos considerar a aprendizagem por intermédio do lúdico como um meio de educação informal.

Sabemos que, quase todo indivíduo, após uma visita à natureza, volta transformado, com algum aprendizado a mais. Mesmo que não haja uma atividade explícita, com métodos de ensino e aprendizagem, o simples fato de relacionar-se com a natureza amplia o campo de visão dos visitantes, no que concerne a tornar-se um indivíduo mais íntegro e completo. Vale ratificar, entretanto, que essas mudanças vão depender da predisposição a certos tipos de comportamento, da formação, do vínculo com o meio, ou seja, da atitude do indivíduo.

A Educação Ambiental (EA), também citada por nossos entrevistados, pode ser trabalhada durante a prática das AFAN, já que, diante da gravidade dos problemas ambientais, foi inserida como tema transversal no currículo escolar, de acordo com o PCN, a partir de 1996 (MENDONÇA & NEIMAN, 2003). Esta EA deve ser compreendida e trabalhada na amplitude que seu termo contempla, ou seja, não apenas no sentido da preservação ambiental, de não ‘gastar’ ou prejudicar a natureza. Deve desenvolver nos indivíduos a compreensão da interação homem-natureza, a conscientização ambiental, capaz de gerar mudanças de atitudes e sentimentos, que resultem em posturas mais afetivas, solidárias e cooperativas entre as pessoas e destas com a natureza (BARROS, 2000, BRUHNS, 1997 a).

Os indivíduos não percebem os valores e as possibilidades educativas intrínsecas das AFAN, prendendo-se ao que pode, externamente, ser trabalhado. A respondente 01 pautou bem esta questão, respondendo o seguinte: “depende de como é trabalhado”, deixando a idéia de uma atividade livre, sem obrigações educativas mas que, pôr si só, acabam revelando algum valor. Nestas oportunidades, as experiências podem ser fascinantes, pois muitas vezes a aprendizagem se dá “nas entrelinhas” das atividades promovidas, e não exatamente no conteúdo que se desejava transmitir.

Posteriormente, os entrevistados foram inquiridos sobre o motivo pelo qual começaram a praticar as AFAN, com o intuito de criar uma ponte de ligação e comparação com o

¹⁴ Optamos neste estudo por adotar LIBÂNEO (2005) como referência. No entanto, as definições de educação formal, informal e não-formal sofrem pequenas diferenciações de autor para autor. Uma outra interessante definição foi a proposta pelo autor Jacques Delors, adotada pela UNESCO e pode ser conferida em: DELORS, Jacques. **Educação – um tesouro a descobrir – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.

questionamento que viria a seguir (o que motiva a continuar praticando). Dos respondentes, 08 apontaram a curiosidade como motivo principal, sendo que a faculdade foi a responsável pelas primeiras atividades nesta área. 02 foram estimulados a ter este contato com a natureza desde a infância, e 03 indivíduos citaram, ainda, o fato de sentirem-se bem nestes locais. Esta curiosidade origina-se do grande espaço que a mídia brasileira tem reservado para as AFAN, relevando os benefícios das mesmas, e estimulando a participação de pessoas comuns, através da exploração da imagem dos ídolos, que aparecem em programas de TV, praticando atividades de aventura em locais exóticos (UVINHA, 2004). Além disso, o fato da ESFA ter como diferencial as atividades de aventura, na grade curricular do curso de Educação Física, nas atividades extra classe e eventos realizados¹⁵, despertou em nossos entrevistados a curiosidade e oportunizou, para muitos, o primeiro contato com a aventura na natureza.

A curiosidade pelo novo, pelo inesperado, pelo risco e pelo incerto, embutidos no imaginário humano, desperta no homem o sentido do espírito aventureiro (COSTA, 2000). Podemos dizer que a curiosidade nasce com os indivíduos, e é desenvolvida, em maior ou menor grau entre eles. Em *Montanhas da Mente*¹⁶, MacFarlane (2003) cita a tentativa da geologia do século XVIII em encontrar um motivo e uma desculpa para a exploração das montanhas: “uma sensação de curiosidade absolutamente natural, induz viajantes de todas as partes, pelo prazer que lhes proporciona a visão de cenários desconhecidos”. É exatamente este cenário desconhecido e as sensações diferenciadas que levam os indivíduos a buscarem a natureza para a prática das AFAN. A partir desta busca, o estar na natureza significa estar em contato com seu eu, fazer uma viagem para dentro de si, criar situações de extremas emoções e risco, através do imaginário (BRUHNS, 1998), resultando em prazer e bem-estar.

Este prazer e bem-estar proporcionados pela natureza, foram os motivos que levam os indivíduos a continuar praticando estas atividades, apontados por todos os entrevistados. E 06 dos respondentes ainda pontuaram o interesse que possuem na área, e o desejo que tem de transformar este prazer em trabalho.

¹⁵ Além das excursões organizadas pelo NUAr, a ESFA ainda realiza eventos, tais como *Acampaesfa*, *Escola Viva*, *Bienal do Conhecimento*, cursos, onde as AFAN destacam-se na programação. As paredes artificiais de rapel e escalada da ESFA estão presentes, também, em eventos fora da faculdade, como forma de divulgação da mesma.

¹⁶ *Montanhas da Mente: História de um fascínio*/ Robert MacFarlane e tradução de José Roberto, O' Shea.- Rio de Janeiro : Objetiva, 2005.

A natureza como companheira de trabalho abre um leque de possibilidades aos interessados, nas mais diversas áreas de atuação. A educação ambiental, prevista como tema transversal na educação básica (PCN), é um trabalho impossível de ser concebido exclusivamente em sala de aula, sem que o aluno tenha oportunidade de vivenciar suas próprias experiências, questionar-se sobre as coisas e buscar as respostas a estas mesmas questões, no contato direto com o meio. E a educação pela aventura, proposta por Uvinha (2004) e Costa (2000), além de trabalhar a preservação ambiental, desenvolve ainda características tais como dedicação, cooperação, tolerância ao sucesso e ao fracasso, dentre outras, extremamente valiosas no mercado de trabalho atual.

Finalizando o rol de perguntas, questionamos aos entrevistados qual a relação do corpo com a natureza, como o corpo reage diante da mesma. Esta questão foi elaborada pensando o corpo, não apenas em seu aspecto físico, mas também psicológico, emocional, social e cultural. Portanto procuramos, através dela, detectar a relação homem-natureza. Cada um o seu modo, citou a realização, a sensação de bem-estar e prazer em contato com a natureza, já mencionados nos questionamentos anteriores. 02 citaram ainda a superação de seus próprios limites e medos. O entrevistado 02 traduz esta superação, quando relata sua experiência em uma das cavernas visitadas, durante a estada em Ibitipoca, MG, em que sentiu muito medo, mas a curiosidade de saber o que havia lá dentro o fez superá-lo.

Diante da oferta de desafios a serem superados, o indivíduo manifesta um sentimento de fortalecimento da autoconfiança. Ultrapassar o inesperado gera crescimento. Netas situações, o medo torna-se apenas um detalhe a ser vencido, diante do prazer da realização. E, sem se dar conta, o indivíduo supera o que, até então, era uma limitação para si mesmo. Somos então, levados a refletir sobre a idéia de que o risco é um companheiro do cotidiano, e que precisamos conhecê-lo, calculá-lo, controlá-lo. Estas situações de superação durante a prática de aventura na natureza refletem no cotidiano dos indivíduos.

Se o homem é capaz de enfrentar obstáculos, tais como as intempéries da natureza, certamente enfrentará os obstáculos impostos pelo mundo real (COSTA, 2000). Esta transmissão de superação, das situações na natureza para a realidade, é pontuada com grande valor pelos entrevistados. Isso acontece porque esta superação de limites e medos são características extremamente visadas no mundo moderno, onde o homem audaz é supervalorizado no mercado, no qual todos desejam inserir-se.

Além do bem-estar e do prazer, 05 respondentes pontuaram o respeito para com a natureza, numa relação de igualdade. A partir das contribuições de Sena e Bezerra (2004), podemos verificar que a relação do homem com a natureza dá-se num processo que, de forma geral, ocorre em três fases: inicialmente, o homem tem a natureza como adversária, procurando vencê-la e conquistá-la. Após um período de experiência, o ator passa a ver a natureza não como adversária, mas como aliada para suas conquistas e superações pessoais, caminhando, dessa forma, ao lado dela. Observamos que os excursionistas da ESFA encontram-se nos estágios dois e três da relação homem-natureza, alguns encarando-a como parceira para as atividades e, outros, já sentindo-se parte da mesma. A relação de parceria com a natureza implica uma necessidade de conservação ambiental, já que, para praticar atividades e visitar a natureza, é indispensável que esta se encontre preservada. Os entrevistados destacam a todo tempo, durante as entrevistas, essa importância de conservação da natureza para uso próprio. Esta é uma situação similar ao que acontece no cotidiano dos homens, movidos pelo ideal capitalista, de fazer para receber em troca.

Apesar da relação de amor, gratidão e solidariedade entre os entrevistados e a natureza, suas falas reproduzem o discurso de um tratamento menos degradador para com o ambiente, almejando a preservação de recursos e cenários naturais para nossos usos e fruições. É o retrato da 'atitude preservacionista utilitária' (BRUHNS, 1997 b).

Esta relação do homem com a natureza pode também ser encarada sob outra ótica: a do mundo não-humano e das novas reflexões sobre o mundo, apresentada por Mendonça e Neiman (2003). Na visão do mundo não-humano, entrar em contato com a natureza significa esquecer, provisoriamente, os espaços modificados pelo homem. O corpo percorre caminhos e se expõe a sensações diferentes do seu cotidiano. Na visão das novas reflexões sobre o mundo, visitar uma área natural pode significar entrar em contato com um mundo essencialmente humano, mas capaz de estimular percepções profundas sobre os diversos aspectos de nossa vida. O indivíduo desenvolve e facilita o processo de autopercepção, amplia a noção de si mesmo, de uma forma consciente, ou seja, sem sentir-se em outro mundo. Sob esta ótica, podemos dizer que nossos entrevistados, e a maioria dos visitantes da natureza, encaram o meio natural como um mundo não-humano.

O contato do ser humano com a natureza favorece a percepção de si mesmo de maneira clara e reforçada pelo

exercício do corpo, que é nosso veículo para estar no mundo. O simples fato de caminhar por locais imprevisíveis e cheios de obstáculos provoca uma percepção consciente dos próprios movimentos e respiração. O meio natural resgata no homem a memória de um tempo anterior ao das intervenções humanas. É uma sensação dualista de vertigem – uma tontura provocada pelo retrocesso no tempo, e a sensação comum que muitas pessoas sentem, por exemplo, quando se encontram no topo de uma montanha – geralmente sentida, mas inexplicável para os visitantes e praticantes das atividades na natureza (MENDONÇA & NEIMAN, 2003 e MACFARLANE, 2003).

As falas de nossos excursionistas condizem com as reflexões anteriormente expostas, no que concerne à relação do corpo diante da natureza, da inexplicável e incontrolável sensação de prazer, bem-estar e realização diante da natureza.

Considerações Finais

Alcançar os objetivos com os quais nos comprometemos no decorrer deste estudo não foi tarefa fácil, mas sim, um desafio a ser superado. Ao investigar sensações e emoções vividas pelos praticantes de AFAN, nos deparamos com o primeiro obstáculo: a dificuldade de expressão. Embora os praticantes sintam emoções e sensações prazerosas, não conseguem explicá-las. Entretanto, entendemos que o fato de não saber explicá-las não minimiza a importância das mesmas. Inclusive, muitas vezes, as pessoas preferem não expressar com palavras seus sentimentos, exatamente para não correr o risco de desvalorizá-los.

As sensações sentidas durante as AFAN despertam em seus praticantes características de compromisso, superação de limites, autoconfiança, companheirismo, tolerância ao sucesso e ao fracasso, e são apontadas como sinônimo de prazer e bem-estar. Além disso, a transmissão das características desenvolvidas nestas situações para a vida cotidiana são perceptíveis e reais para a maioria dos indivíduos, e atribuem a elas um enorme valor.

A partir daí, encontramos embasamento para tecer as considerações sobre as possibilidades educativas das AFAN. Entendemos que educação não significa simplesmente ler e escrever, ou adquirir conhecimento institucionalizado e sistematizado. Educação é muito mais do que isso, mistura-se com o ser, fazer e conviver, ou seja, o simples fato de viver mistura-se com a educação. Desse modo, acreditamos que as características desenvolvidas pelas AFAN são de grande valia para o desenvolvimento do homem como um ser integral, parte de uma sociedade, cada vez mais exigente, em seus aspectos econômico, social, cultural e afetivo.

Pudemos observar, ainda, que o caráter educativo das AFAN dá-se, muitas vezes, nas 'entrelinhas' das atividades, ou seja, o aprendizado acontece de forma natural. Por isso, dizemos que as AFAN proporcionam a educação informal, proposta por Libâneo (2005) e já esplanada no decorrer deste estudo.

Confirmado o caráter educativo das AFAN, a Educação Física encontra aí campo fértil de atuação. Estas atividades podem e devem ser trabalhadas nas aulas de Educação Física, tanto no desenvolvimento de valências físicas, como a força e o equilíbrio, quanto características como raciocínio e precisão. Além disso, incluir estas atividades nas aulas de Educação Física significa sintonizar e inserir os alunos no contexto histórico-cultural da sociedade atual.

As AFAN tem a possibilidade de apresentar-se como manifestação da Educação Física não só como conteúdo pedagógico da instituição escolar, bem como uma forma moderna de lazer, procurada, a cada dia, por um contingente maior de pessoas, desejosas pelo desligamento, mesmo que temporário, do meio urbano, e pelo contato com a natureza. Os praticantes de AFAN procuram estas atividades, movidos, inicialmente, pela curiosidade pelo novo e pela sede de descobrir as indescritíveis sensações e emoções vividas por seus pioneiros. Após a primeira experiência, sua prática torna-se um vício, ou melhor, a sensação de prazer e bem-estar tornam-se necessárias, desejadas e imprescindíveis à vida dos indivíduos.

Em relação ao corpo na prática das AFAN, observamos também através das entrevistas, uma forma promissora e diferenciada de se relacionar com o meio natural e consigo mesmo. Em uma relação gratuita, em que somos levados a refletir sobre nossas relações, nossos limites e potencialidades.

As Educações Físicas, que trabalha com o corpo e com os sentidos, deve fazer uso de metodologias que promovam o aguçamento desses sentidos, por que aí podem ser encontradas as respostas para o ser-natureza que está dentro do homem.

Entendemos por fim, que as AFAN constituem-se como forma promissoras de educação informal, formal e não-formal, e que, refletir sobre as mesmas ultrapassa o sentido de modismo estabelecido pela indústria de consumo. Assim, buscamos neste trabalho trazer contribuições baseadas em situações reais para que os profissionais da área, além de entender um pouco mais sobre as mesmas, possam refletir sobre suas práticas no ambiente escolar, culminando por fim, em novas propostas que sejam comprometidas com a

transformação social e a criação de uma nova significação para estas atividades.

Esperamos que as reflexões deste estudo possam servir também à orientação das políticas públicas escolar, de esporte e lazer, esclarecendo os valores de ludicidade, estética e preservação ambiental na formação da humanidade, comprometida com a formação de indivíduos íntegros e ativos na sociedade.

Referências

- BARROS, M. I. A. Outdoor education: uma alternativa para a educação ambiental através do turismo de aventura. In: SERRANO, C. M. (Org.) **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000. p.85-110.
- BARROS, M. I. A.; DINES, M. Mínimo impacto em áreas naturais: uma mudança de atitude. In: SERRANO, C. M. (Org.) **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000. p.85-110.
- BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. (Org.) **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p.157-202.
- BRUHNS, H. T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: _____; TOLEDO, C. M. (Org.) **Viagens à natureza: turismo, lazer e natureza**. Campinas, SP: Papirus, p.125-140,1997 b.
- BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a natureza. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v.18, n. 2, p.86-91,1997 a.
- BRUHNS, H. T. Visitando a natureza, experimentando intensidades. In: VASCONCELOS, F. P. (Org.) **Turismo e meio ambiente**. Fortaleza: UECE, 1998. p.152-168.
- BRUHNS, H. T. Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação. In: SERRANO, C. M. (Org.) **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000. p.25-46.
- BRUHNS, H. T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: _____; MARINHO, A. (Org.) **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p.29-52.
- CHOWDHURY, Bernie. **O último mergulho: o mergulho fatal de pai e filho nas profundezas do oceano**. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário**. Barueri, SP: Manole, 2000.

- DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC, UNESCO, 2003.
- FENNEL, D. A. **Ecoturismo**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2002.
- GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3ª ed. SP: Atlas, 1991.
- HERZOG, M. **Annapurna**: o primeiro cume de mais de 8 mil metros conquistado pelo homem. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- INÁCIO, H. L.D. et. al. Bastidores das práticas de aventura na natureza. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (Org.). **Práticas corporais**. v.3. Florianópolis: Navembla Ciência e Arte, 2005b.
- INÁCIO, H. L. D. et. al. Travessuras e artes na natureza: movimentos de uma sinfonia. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (Org.) **Práticas corporais**. v. 2. Florianópolis: Navembla Ciência e Arte, 2005a.
- KINKER, S. **Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- KRAUKER, Jon. **No ar rarefeito**: um relato da tragédia no Everest em 1996. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LADISLAU, C. R. O “meio” humano e o ser ambiente: esporte/lazer e intervenção ambiental: primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 1, 1999. p.699-704.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MACFARLANE, R. **Montanhas da mente**: história de um fascínio. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- MARINHO, A. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidades de resistência. In: _____; BRUNHS, H. T. (Org.) **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.
- MENDONÇA, R.; NEIMAN, Z. **À sombra das árvores**: transdisciplinariedade e educação ambiental em atividades extra classe. São Paulo: Chronos, 2003.
- MINAYO, M. C. S. et. al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NEIL, J.; WEARING, S. **Ecoturismo**: impactos, potencialidades e possibilidades. Barueri: Manole, 2001.
- NICHOLS, Peter. **Uma viagem para loucos**: a eletrizante história da primeira regata solo ao redor do mundo. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física / Secretaria de educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- SANTANA, K. Na contra mão da crise. **Guia EcoAdventure**, São Paulo, v. 2, p. 20-24, 2005.
- SANTOS JUNIOR, H. N. **Ética Ambiental**: paradigma ou conduta profissional. Disponível em: <<http://www.saude.inf.br/etica.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2005.
- SENA, D. C. S.; BEZERRA, E. J. Práticas corporais na natureza: relações de lazer e vida cotidiana. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 16., São Paulo, 2004. **Anais**. Salvador, Bahia, 2004.
- SERRANO, C. M. T. Uma introdução à discussão sobre turismo, cultura e ambiente. In: _____; BRUNHS, H. T.; (Org.) **Viagens à natureza**: turismo, lazer e natureza. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- UVINHA, R. R. Esportes radicais nas aulas de educação física do ensino fundamental. In: MOREIRA, Evandro Carlos (Org.). **Educação física escolar**: desafios e propostas. São Paulo: Fontoura, 2004.
- VILLAVERDE, S. Refletindo sobre lazer / turismo na natureza, ética e relações de amizade. In: BRUNHS, H. T.; MARINHO, A. (Org.) **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p.157-202.

Endereço:

Gisele Rosa Felipe
Rua Bernardino Monteiro, 942 Dois Pinheiros
Santa Teresa ES
29650-000
E-mail: gisele.felipe@hotmail.com

Tema livre premiado no I Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, realizado na cidade de Balneário Camboriú de 30/06 e 01/07 realizado pelo LEL- Laboratório de Estudos do Lazer do Departamento de Educação Física da Unesp de Rio Claro.